



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Maio de 2012, nº 151



 Mirella Faur

EIR, A CURADORA SILENCIOSA

“Eu louvo Eir, a curadora divina, ela é sábia e poderosa e o bálsamo das suas mãos cura as feridas de todos. Felizes são aqueles que ficam aos seus cuidados, pois o seu trabalho é de doação incessante e a todos ela ensina o poder da silenciosa contemplação. Eu honro Eir, a deusa curadora, cujo toque no nosso ser é amoroso e leve como a mão da jardineira hábil, que entrega a pequena semente para germinar no ventre cálido e rico da Mãe Terra.”

Galina Krasskova: Exploring the Northern Tradition



No contexto da sociedade arcaica da Europa nórdica e continental, o universo feminino era centrado ao redor dos cuidados com os filhos e a família, além das atividades dentro e fora de casa, o cultivo da terra e a criação dos animais. A “senhora do lar” era vista como a autoridade familiar máxima, pois era ela quem cuidava dos bens, supervisionava os trabalhos dos campos, dividia os ganhos e providenciava comida, roupas e aquecimento, zelando pela cura e bem estar dos que formavam a estrutura de uma fazenda ou clã. Além disso, providenciava a estocagem e conservação dos alimentos, a colheita de plantas, raízes e sementes usadas na cura, supervisionava o preparo dos produtos do abate dos animais no fim do verão, a preparação da manteiga, pão e hidromel. Faziam parte das tarefas femininas a tecelagem (a principal ocupação invernal das mulheres europeias), os cuidados com os doentes, feridos e idosos, os ritos de passagem, o culto dos ancestrais, o intercâmbio com o mundo espiritual, as cerimônias comunitárias e a arte divinatória.

Apesar de ter tido uma importância relevante na vida religiosa e cultural dos povos nórdicos, existem poucas evidências históricas sobre o culto das deusas, além dos rituais pertencendo ao universo feminino. Supõe-se que estes cultos eram realizados no âmbito familiar e comunitário, sendo seguidos por oferendas colocadas em lugares sagrados da natureza. Nas escavações

arqueológicas foram encontrados inúmeros objetos domésticos e sagrados como anéis, broches, mechas de cabelos, linho (planta e fios) e as ferramentas usadas para a sua preparação e tecelagem.

A padroeira das mulheres, dos mistérios de sangue, dos ritos de passagem, dos assuntos ligados ao nascimento, “nomeação”, proteção e educação das crianças, bem como das inúmeras atividades e tarefas exercidas pelas mulheres era a deusa Frigga, a Rainha das divindades celestes e guerreiras Aesir, esposa do deus Odin. Ela vivia no palácio Fensalir — “os salões dos mares” —, cercada por doze acompanhantes, que formavam uma “constelação” de deusas, com características e atributos diferenciados. Alguns autores as consideram como personas assumidas por Frigga, para desempenhar seus vários papéis ou representações diversificadas dos seus atributos. Porém elas eram entidades separadas, simbolizando diferentes aspectos da psique feminina e das suas múltiplas manifestações. Desta constelação de doze deusas fazia parte Eir, a “curadora silenciosa”, padroeira das curandeiras, parteiras e benzedeadas.

Eir: a melhor dos médicos

Eir foi mencionada pelo historiador Snorri Sturluson (em um texto de Prose Edda) como “a melhor dos médicos”, seu nome simbolizando o ato de “curar,

salvar”, o que definia a sua real natureza. Na antiga sociedade nórdica quem praticava a cura eram as mulheres, o que explica porque Eir é uma deusa e não um deus. Além desta citação clássica, existem poucas informações antigas a seu respeito. Seu nome significava também “cobre” ou “bronze” e esta menção à habilidade de trabalhar com metais e forjá-los parece ser uma alusão aos seus dons curativos. Nas rimas das poesias dos Skalds (poetas) nórdicos, eir é sinônimo para “mulher”, conforme aparece numa inscrição rúnica sobre um galho de árvore, encontrado em Bergen, Noruega, em torno de 1300. A escritora Hilda Davidson sugere que além das suas qualidades curadoras, Eir teria sido uma Norne menor, influenciando a vida de crianças e mulheres.

Segundo um dos poucos mitos encontrados, Eir teria nascido de uma das tetas da vaca primordial Audhumbla; em outro mito Eir aparece como uma das nove acompanhantes da princesa Mengloth, uma importante sacerdotisa, cujos poderes de cura e profecia eram honrados por deuses e mortais por considerá-la a representação humana da deusa Frigga. A casa em que morava Mengloth seguia a marcha do Sol e em seu jardim havia uma árvore milagrosa, que devolvia a fertilidade às mulheres estéreis e a saúde aos doentes. Os camponeses lhe faziam oferendas para que ela lhes garantisse fartura, saúde e proteção.

Cura com plantas, pedras e encantamentos mágicos

É possível que a associação de Eir com as acompanhantes de Mengloth teria sido por ela fazer parte de um grupo de espíritos guardiões, que auxiliavam e protegiam quem apelava para eles, recebendo em troca, como agradecimento, suas oferendas. Alguns escritores supõem que Mengloth era uma antiga deusa curadora ou uma hipóstase de Frigga; a própria Eir partilhava com Frigga os atributos de cura, sendo a equivalente nórdica da greco-romana Higéia. As deusas Frigga e Freyja também patrocinavam os cuidados e a proteção das mulheres e das crianças, ambas sendo invocadas nos trabalhos de parto, nas doenças e para proteção. Enquanto Frigga trazia calma,

paz, harmonia, Freyja ativava a força vital e a recuperação das energias e Eir usava métodos de cura natural, com plantas, pedras e encantamentos mágicos.

Assim como Mengloth, Eir morava no topo da montanha Lyfjaberg (“a colina da cura”),

para onde as mulheres peregrinavam em busca de solução para todos os seus males e aflições. Eir perambulava pelo mundo levando uma sacola com os recursos curativos da natureza: plantas, raízes, cascas, sementes, cogumelos, pedras preciosas, cristais e argila, junto com um pilão, uma faca e varetas com inscrições rúnicas.



Eir atendia a todos os que necessitavam de cura e lhe pediam ajuda, desde que seguissem suas exigências prévias: purificações por meio de jejuns, sauna sagrada, banhos, chás e compressas de ervas e argila, abstinência sexual, reclusão, desistência do uso das armas durante um período, silêncio e oração.

Maior destaque e ampliação das qualidades e atributos de Eir lhe estão sendo dados pelas escritoras contemporâneas e pelas atuais praticantes da tradição mágica nórdica. Em busca de informações, orientações e mensagens sutis usa-se percepção extrassensorial, projeção astral, práticas xamânicas incluindo meditação e dança ao som do tambor, transe extático, comunicação com as divindades e viagens astrais para outros níveis de consciência.

As práticas curativas pagãs eram em parte mágicas, em parte ritualísticas, além de incluir bom senso, intuição e sabedoria ancestral.

Apesar de pouco mencionadas nos escritos antigos, posteriormente renegadas pela igreja cristã e punidas pela Inquisição, as curas com a ajuda das deusas detinha uma enorme importância na vida diária dos povos pré-cristãos. As deusas presidiam a vida familiar, o nascimento e a sobrevivência de crianças, a cura de feridos e o processo de vida e morte no reino vegetal, animal e humano. Em um relato do historiador romano Tácito, menciona-se a presença de mulheres nos campos de batalha, onde elas não apenas faziam encantamentos para enfraquecer, assustar ou afastar os inimigos, mas para fortalecer e proteger seus companheiros, também cuidando deles quando feridos ou doentes.

Uma das Valquírias também se chamava Eir e ela mitigava o sofrimento dos guerreiros feridos, estancando seus sangramentos com uma pedra mágica ou abrindo as feridas com seu punhal e cicatrizando-as com a energia das suas mãos. Porém, se a ferida fosse mortal e a doença incurável, Eir apaziguava a angústia do ferido e o acompanhava com amor e sabedoria para atravessar os portais entre os mundos. É fácil observar



que a etimologia do seu nome é adequada tanto para ser a auxiliar de Frigga ou Mengloth, quanto para assumir sua qualidade de Valquíria, ambos os arquétipos tendo a capacidade de conduzir os mortos para as suas moradas no além.

A cura com os rituais

A ligação entre cura e ritual é comprovada nos antigos relatos pela semelhança entre curadores, magos, xamãs, mestres rúnicos e videntes. As mulheres eram as que mais desempenhavam essas funções, até surgirem as proibições e perseguições da Inquisição, fomentadas pela inveja e rivalidade dos médicos. Nos tempos pagãos, atribuíam-se às rainhas, às xamãs, às curandeiras e até mesmo às senhoras das propriedades (responsáveis pelo bem estar daqueles que moravam ao seu lado), o dom de curar pela imposição de mãos ou o uso de ervas, unguentos, cataplasmas e poções. Além disso, usavam-se práticas mágicas de exorcismo das entidades espirituais maléficas, purificação e harmonização dos campos sutis usando saunas, banhos de ervas e passes magnéticos. Em certos casos, eram recomendadas alimentações específicas ou jejuns, isolamento e meditação, além da retificação de hábitos e comportamentos prejudiciais visando realinhar os campos sutis. Diariamente eram invocadas as deusas Frigga e Eir com orações individuais ou grupais, colocando oferendas nas lareiras das casas ou na floresta, pedindo sua ajuda em todos os aspectos das doenças.

Cultuada durante milênios como padroeira das curandeiras, rezadeiras, raizeiras, benzedeadas e parteiras, nos rituais da deusa Eir eram incluídos encantamentos, emplastros, chás, banhos, massagens com óleo de bétula, uso de galdr (mantras rúnicos), pedras, cristais, metais, argila, ervas, pulseiras e colares de cobre, ímãs, talismãs rúnicos.

A terapia era acompanhada de oferendas para os seres da natureza e recomendava-se a conexão consciente com os ciclos lunares, os ritmos naturais e também o culto dos antepassados.

As sacerdotisas de Eir

Eir era conhecida e reverenciada como uma deusa compassiva, mas objetiva e de amplo alcance, sua ação se estendendo até o nível psicoespiritual, além de proporcionar o alívio físico e emocional. Ela regia o amplo espectro da cura, cujos métodos ensinava apenas para as mulheres; as curandeiras pagãs nórdicas aconselhavam uma vida regrada, equilibrada pela moderação, em harmonia com as forças, os seres e os ciclos naturais, além do cumprimento das normas de conduta ética e o respeito dos valores ancestrais. Assegurava-se assim o completo alinhamento moral, psíquico, espiritual e comportamental.

Por ser a deusa da cura, Eir não podia participar ativamente nas batalhas e suas sacerdotisas deviam ter muito cuidado com a sua maneira de viver e se alimentar, evitando disputas, se purificando sempre com saunas sagradas, fumigações, chás e banhos de ervas.

Uma antiga prática de cura por elas usada era transferir a doença para objetos que eram depois queimados ou enterrados. Outra técnica xamânica descreve como a curadora se deitava de barriga para baixo sobre o doente e soprava na sua boca, dando-lhe depois um chá de ervas para dormir.

Eir foi descrita como uma mulher alta, esguia, mas musculosa, com cabelos avermelhados, pela alva e olhos azuis acinzentados. Costumava vestir uma túnica vermelha ou verde e uma capa azul com capuz, presa com um broche de cobre em forma de árvore ou folhas. Em uma projeção astral, vi Eir vestida com roupas simples de camponesa, um xale de lã colorida nos ombros, cabelos grisalhos presos em coque e carregando um cesto cheio de plantas verdes e secas. Na sua cabana de troncos toscos de pinheiro, no meio da floresta de bétulas, a sua varanda fica repleta de punhados de ervas amarradas e pendurados para secar. No centro da sua sala há um fogão com um enorme caldeirão borbulhando com uma poção aromática e, sobre inúmeras prateleiras de tábuas, estão arrumadas fileiras de vidros de todos os tamanhos e cores, contendo xaropes e poções. Num canto tem um berço e em outro uma cama coberta com uma colcha verde, uma tina de madeira para banhos, ao lado de caixas de vime com sacolas de ervas, sal, pedras, penas, almofariz, chocalhos e um tambor xamânico.

Os elementos de Eir são fogo, água e terra, seus objetos mágicos são a forja, a espada, joias de cobre, talismãs, vidros com poções, sacolas com folhas, raízes e sementes para chás, banhos e cataplasmas, pedras vermelhas e verdes (hematita, granada, jaspé, malaquita, jade, turmalina e ágata). Seus animais são: uma égua com pelo avermelhado e longa crina (seu meio de transporte), corvo, sapo, galo, coruja e borboleta. As suas cores são vermelho e verde, as plantas específicas do hemisfério nórdico são bétula, salgueiro, pinheiro e os cogumelos selvagens; as plantas brasileiras que mais se assemelham às nórdicas são confrei, babosa, ipê roxo e as usadas no repertório popular para males específicos.

Os atributos de Eir são: defesa e proteção das crianças, doentes e a c i d e n t a d o s ,



criatividade, cura, habilidade em trabalhar com metais, paciência para lidar com detalhes, perseverança nas adversidades, rapidez para tomar decisões, força para adquirir resistência, ajuda para enfrentar cirurgias, para caminhar com segurança e superar situações adversas, “queimar” e remover dificuldades e limitações.

Compromisso com a própria cura

Uma antiga oração para Eir recomendava traçar sobre si - antes de uma intervenção cirúrgica - runas de proteção e saúde, invocando sua inspiração e orientação para os médicos agirem com sabedoria e bondade, ter paciência na recuperação, confiando



Atualmente as mulheres afillhadas de Eir podem expandir a gama dos seus recursos curativos incluindo além de uma alimentação natural, o uso de plantas, cristais, aromas, florais, cores, pedras, argila, purificação e alinhamento energético, mensagens variadas, imposição de mãos, meditações e técnicas xamânicas.

sempre na ajuda divina.

A condição necessária era o compromisso do paciente para contribuir pelo seu próprio esforço para a cura, mudando seus hábitos perniciosos, a alimentação errada e a ausência de conexão espiritual.



Mãe Terra

Agrofloresta é Viável Economicamente?

Por Helena Maltez*

Vira e mexe me perguntam sobre a viabilidade econômica dos sistemas agroflorestais. Acho engraçado. De que ponto de vista?

Então o que tenho a dizer é que 1 hectare de terra produz umas 3,5 toneladas de soja em um sistema cujas principais características são: monocultivo e morte da diversidade de vida, contaminação por substâncias diversas que vão de moléculas biocidas e cancerígenas residuais de agrotóxicos, passando por resíduos de adubos químicos sintéticos, até genes de sabe-se lá o quê misturado com sabe-se lá que gene de fungo ou bactéria voando nas nuvens de pólen. É esse o ambiente de uma lavoura de soja convencional. Mas não é só isso! Para cada tonelada de soja produzida nesse sistema, gasta-se 8 a 10 vezes mais energia do que a energia contida nessa tonelada de soja. Energia gasta na produção e transporte de adubos químicos e agrotóxicos, energia gasta nas dezenas de passadas de trator (compactando o solo) nas dezenas de operações de pulverização, capina, colheita, energia gasta na produção das sementes plantadas, cheias de cara tecnologia de ponta. Percebem?

O plantio de soja tem balanço energético negativo.

Então, de que economicamente viável estamos falando?

Do outro lado, temos os sistemas agroflorestais, capazes de produzir entre 10 e 15 toneladas de

alimento na forma de hortaliças, grãos, raízes, frutos e folhas diversos (e, quem sabe, em um sistema bem cuidado, até de carne de caça – eca, uma vegetariana falando isso? mas é verdade), num processo crescente que começa com algumas toneladas e que, após 10 a 15 anos atinge seu auge. Só que o cenário é completamente outro. Ao invés de terra nua e arrasada após a colheita de soja, na agrofloresta, após cada ciclo de colheita a biodiversidade e a quantidade de biomassa (carbono fixado nos troncos, ramos e folhas das plantas) são maiores do que no ciclo anterior. Como diz meu mestre Ernst Götsch, deixamos um saldo positivo das nossas ações no lugar. Deixamos o lugar mais belo e abundante do que quando chegamos. Neste sistema, há diversidade e abundância. Portanto, não se usa nenhum tipo de agrotóxico ou adubo químico. Não há resíduos. A vida cria a vida.

Então, não se trata, obviamente, de uma questão econômica. Trata-se sim de uma escolha do mundo em que queremos viver. Trata-se de perceber que tudo o que acontece é resultado das nossas ações, então não adianta achar que não temos nada a ver com isso. Trata-se de sermos responsáveis por nossas decisões de consumo e por nossas decisões de como desejamos nos relacionar com todas as outras espécies do planeta que não são seres humanos.



*Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog <http://www.buniting.blogspot.com/>. Também recebeu o Prêmio Tuxaua Cultura Viva do Ministério da Cultura.

Muco? Bota pra derreter

Julho já vai chegar, o tempo esquenta e esfria e milhões de pessoas estão encatararradas, com tosse seca ou trovejante, e ainda por cima com medo da tão marquetizada gripe da vez. Que pode não ser uma ameaça real, mas a vulnerabilidade de quem está com as vias respiratórias cheias de muco é realíssima.

A primeira providência é suspender leite e todos os derivados, que são os maiores formadores de catarro. Aproveitando, reduzir drasticamente farinhas e produtos feitos com ela, que também agem como cola dentro do corpo. E jogar fora o açucareiro - junto com todo o açúcar da despensa - porque é ele que, regendo o coro dos laticínios e da farinha, alimenta todo tipo de compulsão.

Claro que, se há compulsão, há vermes. Quantas horas de análise poderiam ser substituídas por um simples vermífugo! Lombrigas aumentam muito o muco. Se houver unhas roídas, bruxismo e babinha à noite, então, isso fica evidente.

Mas o muco deve ser pensado como uma vela de cera que precisa esquentar para derreter; só aí poderá ser eliminado, seja pela tosse, seja pelos intestinos. Aqui vai uma de muitas receitas do meu livrinho Atchiiim!, que se dedica de forma gulosa ao assunto.

Chá antimuco:

- . 1 colher (chá) de sementes de feno-grego (*Trigonella foenograecum*)
- . 1 colher (chá) de sementes de funcho (*Foeniculum vulgare*)
- . 1 colher (chá) de sementes de linhaça (*Linum usitatissimum*)
- . 1 colher (chá) de raiz de alcaçuz (*Glycyrrhiza glabra*)
- . 1 colher (sopa) de folhas de urtiga (*Urtica urens*) ou tanchagem (*Plantago major*)
- . 500 ml água

Ferver durante 15 minutos o funcho, a linhaça, o feno-grego e o alcaçuz; apagar o fogo, colocar as folhas de urtiga ou tanchagem e abafar.

Este chá aquece o corpo e dissolve o muco. Tomar meia xícara 2 a 4 vezes ao dia, de estômago vazio, 10 minutos antes de comer. Para quem produz muco em excesso: tomar durante quatro semanas, no outono, nas mesmas doses acima, substitui o muco patológico ao longo das mucosas por um muco benéfico, renovando todo o trato gastrointestinal. Para condições crônicas de muco o chá é usado por períodos de tempo mais longos. Também é uma mistura muito nutritiva durante os jejuns.

Inconveniente: pode aumentar os calores à noite. Mas nada é perfeito.

* Do livro Atchiiim! de Sonia Hirsch

PRÓXIMOS RITUAIS

Plenilúnio: Pax, a Deusa romana protetora das propriedades e das pessoas

Data: 04 de junho de 2012 às 20h

Somente para mulheres

Informações em: www.teiadethea.org



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Em nossos encontros costumo conduzir você em pequenos voos para além da janela e do jardim, que a Natureza é sábia professora para suas rebeldias. Hoje, todavia, uma voz que canta convida a observar uma mulher que examina o recipiente de lixo estacionado à frente de seu prédio. Todas as manhãs ela retorna, entre esperança e curiosidade, revirando atentamente o que seus iguais descartaram. Sua assiduidade sugere que ela já faz parte da paisagem, pior, torna-se quase invisível aos olhos sonolentos que transitam ao seu redor. Ela insiste, buscando riqueza no que é descartado. E encontra! Depois, retoma seu caminho, abastecida de achados que se transformarão na possibilidade de sustento de muitos, até amanhã.

Mesmo sem o saber, essa mulher traz uma cura a quem se dispuser a perceber sua presença. Sem sequer desviar o olhar de sua tarefa, silenciosamente, ela é um convite à reflexão. Sense na forma com que você vem dispondo dos recursos que são concedidos a você, cotidianamente. Eu ofereço a todos exatamente aquilo de que necessitam. Cabe a cada coração a tarefa de discernir desejo de necessidade, observando com atenção onde fluem o leite e o mel que sustentarão sua caminhada. Depois, é preciso responsabilidade para usufruir e alegria para agradecer, pois a alegria sincera conecta você à fonte de tudo.

Finalmente, querida aprendiz, perceba que você também pode levar cura onde quer que você vá, sem nem mesmo descuidar de seu bordado. Basta colher de cada momento a sua lição, de cada dia o seu alimento, tornando-se incessante e plenamente conectada a mim. Eu, que por amor crio fontes e bosques, montanhas e planícies para seu caminhar, continuarei abençoando tudo, sempre.

Em vigor e alegria,

Aquela que é.

Beltane

A Theia de Teia comemorou no último dia 30 o Sabbath de Beltane. Foi uma alegre e animada comemoração, onde homens, mulheres e crianças trançaram suas fitas ao redor do mastro, com muita música e dança! E, como sempre, o fogo sagrado esteve presente na forma de uma poderosa fogueira.



No hemisfério Norte os antigos povos europeus celebravam no mês de maio o desabrochar e desenvolvimento da Natureza, as roupagens de folhas e flores da Mãe Terra, o tempo quente, os instintos de acasalamento dos animais e os impulsos amorosos humanos, simbolizados no casamento sagrado do Deus Verde da Vegetação com a Donzela da Terra. Enquanto os gregos enfeitavam um galho de oliveira ou louro com fitas coloridas e frutos (chamado eirisione) levando-o em procissão e guardando-o como símbolo de fertilidade até o ano seguinte, os romanos homenageavam as deusas Flora e Maia com alegres encontros entre moças e rapazes, dançando enfeitados com guirlandas de flores.

Flora personificava o florescimento de toda a Natureza e regia a fertilidade e concepção; Maia era a Deusa da energia vital e da sexualidade. Os ritos de fertilidade para atrair a abundância da terra e da água ficaram conhecidos como Floralia e Fontinalia. Com o passar do tempo, estes festivais florais e as bênçãos da terra, das fontes e das mulheres se transformaram em orgias e a licenciosidade e liberdade sexual passaram a ser atributos específicos do mês de maio. Considerado o “mês de mel” das uniões livres e da liberação temporária dos laços matrimoniais, no mês de maio não se realizavam casamentos formais até a igreja católica declará-lo mês de Maria e das noivas, para mudar os antigos costumes.

Na Idade Média era costume damas e cavalheiros passearem nos bosques, liderados pela Rainha de Maio cavalgando uma égua branca e o seu parceiro, um corcel negro. Eles personificavam A Senhora e O Senhor, Freyja e Frey, cuja união trazia as bênçãos da fertilização mágica da

Natureza, vegetal, animal e humana. O Rei perpetuava a crença antiga da conquista da Rainha da Floresta Mágica (reminiscência do culto de Diana) no combate com o rei anterior, simbolizando o fim do inverno, substituído pelo verão.

Mastro de Maio

O Mastro de Maio, no qual os casais dançavam ao redor, representava o falo do Deus Verde fertilizando a terra e as mulheres. Estes antigos costumes e sua celebração nos festivais de Beltane (celta) e Walpurgis (nórdico) foram perseguidos e proibidos pela igreja cristã que os declarou “encontros de bruxas com o demônio”. Nos países celtas Beltane era originariamente um festival pastoral, transformado em festas com danças ao redor do mastro e fogueiras acesas nas colinas. As pessoas dançavam em roda, no sentido horário, para receber sorte e proteção, pulavam sobre as fogueiras e passeavam nos campos com tochas acesas para a purificação. Havia combates entre representantes dos poderes da luz e escuridão e sacrifícios, no início autênticos, depois encenando a morte do velho rei do inverno.

No dia seguinte, galhos verdes eram trazidos dos bosques e colocados na frente das casas para proteção. O mastro enfeitado com flores e fitas era levado por jovens - vestidos de verde e com guirlandas de folhagens - em procissão pelas ruas, para simbolizar a nova vida e compartilhar os poderes criativos. Na Escandinávia, o antigo calendário celebrava nas 9 noites entre 22 e 30 de abril a auto-imolação do deus Odin para alcançar a sabedoria mágica das runas. Walpurgis Nacht (30 de abril) era a última noite da metade escura do ano começado no Samhain (31 de outubro), o final da “Caça Selvagem” com livre trânsito de trolls e espíritos maléficos. Usavam-se fogueiras para espantá-los e purificar pessoas e animais. No dia seguinte seguiam as alegres celebrações de Majfest, uma data repleta de luz, alegria, danças e cantos ao redor do mastro enfeitado com guirlandas e fitas. Eram escolhidos e coroados o Rei e a Rainha entre os jovens mais bonitos, sendo unidas suas mãos com uma guirlanda de flores ou trança de fitas.

Esta cerimônia deu origem aos atuais rituais de Handfasting, celebrando uniões dos adeptos de Wicca, neo-paganismo e eco-feminismo. Por não conseguir erradicar as antigas crenças e costumes pagãos a igreja cristã instituiu a comemoração de uma desconhecida freira elevada à condição de santa – Walburga – cuja história é uma compilação da lenda de uma antiga deusa saxã, com o mesmo nome, comemorada no primeiro dia de maio, devido aos seus poderes renovadores e fertilizadores da Natureza.

* Texto de Mirella Faur, imagem de Mickie Mueller

Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição, Entrevista e Diagramação:
Cris Madeira, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Helena Maltez e Maria Amaziles
Imagens de internet
Informações:
Nane - 96779453 ..: Andrea - 34084065
deusaviva@tejadethea.org